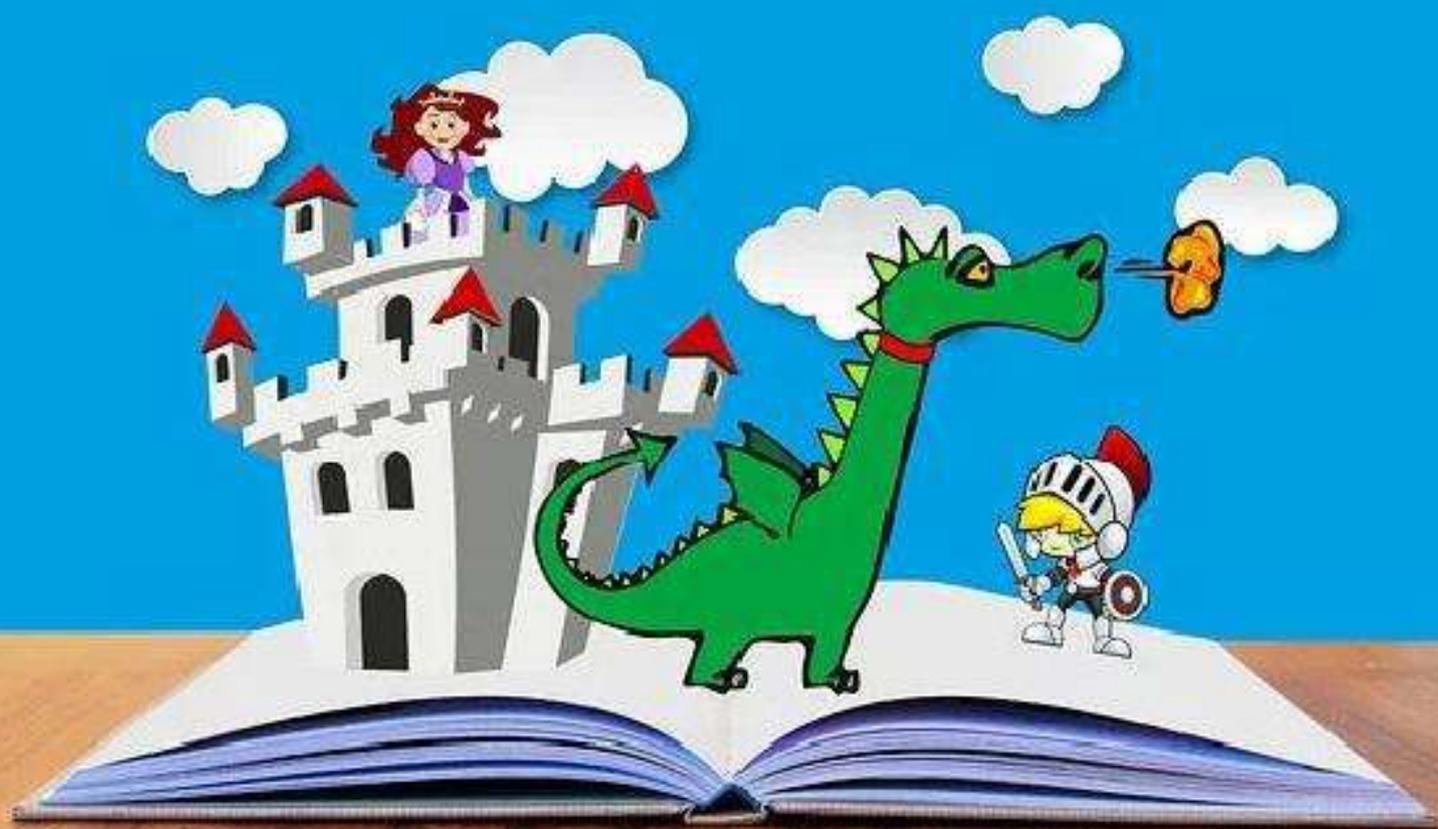


PALAVRA BRINCADA

Infância, literatura e contação de
histórias



INFÂNCIA E HISTÓRIA¹

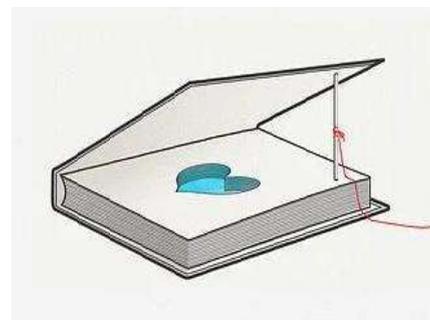
Cláudia Gisele Masiero

O conceito de infância como se entende atualmente é bastante recente, é uma construção da modernidade. Essa construção não se consolidou para todas as crianças e sofreu múltiplas influências, que contribuíram para que continuasse a se transformar.

Quando se busca estudar a infância por um viés histórico, o caminho que quase sempre se percorre é analisar o que se pensava sobre o que vinha a ser essa fase da vida e conseqüentemente como se agia com as crianças, ou seja, investigam-se as concepções de infância surgidas em diferentes tempos e espaços geográficos. Conforme explica Colin Heywood (2004), a criança é um constructo social que se transforma com o passar do tempo e que varia entre grupos sociais e étnicos dentro de qualquer sociedade. A infância reflete a sociedade em que se insere e também ajuda a construí-la (STEARNS, 2006).

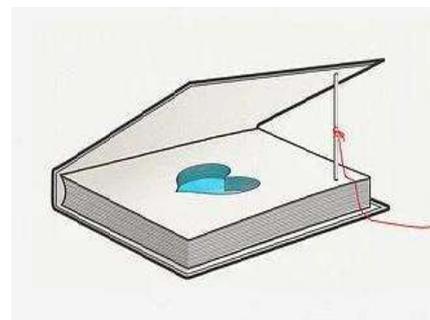
Dentre os estudiosos que iniciaram a discussão sobre a infância e sua relação com a sociedade, destacam-se os listados a seguir.

¹ Material elaborado a partir da Dissertação de Cláudia Gisele Masiero, “Era uma vez...” – um estudo sobre concepções de infância em narrativas”, Universidade Feevale, 2014, disponível em <https://biblioteca.feevale.br/Dissertacao/DissertacaoClaudiaMasiero.pdf>.



A ENCARNAÇÃO DO MAL

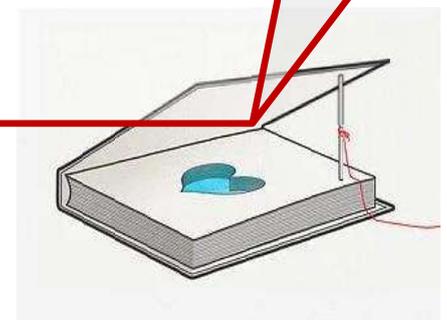
Nada de carinha angelical! Para o teólogo e filósofo **Santo Agostinho** (354 – 430 d.C.), a criança era um símbolo da força do mal, um ser imperfeito, esmagado pelo peso do pecado original. A natureza seria tão corrompida neste ser que o trabalho de recuperação seria penoso, justificando de antemão todas as ameaças, varas e palmatórias. Esse pensamento reinou por muito tempo na história da pedagogia, ao menos até o fim do século XVII, e também foi o responsável por manter uma atmosfera de dureza nas famílias e nas escolas.



PAI É QUEM CRIA

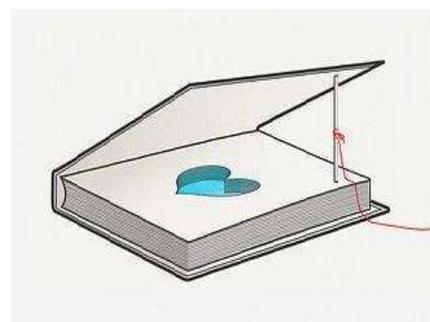
Phillippe Ariès (1914 – 1984) pode não ter criado a infância em si, mas dedicou-se tão fervorosamente a seu estudo, que merece o papel de pai da infância. A tese do precursor dos estudos centrados neste tema é de que, na sociedade medieval, o sentimento de infância não existia, o que não queria dizer que as crianças fossem negligenciadas, abandonadas ou desprezadas. Não se tratava de não ter afeição pelas crianças, mas de não considerá-las em sua particularidade. Ou seja, para o autor, na referida época, a infância não era vista como uma fase muito distinta da vida adulta. Ele explica que, assim que as crianças possuíam independência física, eram introduzidas no mundo dos adultos, participavam inclusive de jogos e orgias, assim como trabalhavam e presenciavam enforcamentos públicos.

Por meio de uma análise iconográfica, Ariès (1981) conclui que o sentimento de infância teria emergido no século XVII, vinculado ao sentimento de família, pois as crianças passaram a ser retratadas com cada vez mais frequência e os retratos de família tenderam a se organizar em torno da criança. Então, esta teria se tornado um elemento indispensável da vida cotidiana e os adultos passaram a se preocupar com sua educação, sua carreira e seu futuro. Assim, a família e a escola, juntas, teriam retirado a criança da sociedade dos adultos. As pesquisas que se sucederam a Ariès trouxeram mais informações para a reconstrução da história da infância através de outros enfoques.



FILHO DA MÃE

Existe amor mais verdadeiro que o de uma mãe pelo seu filho? Quebrando todas as expectativas idealizadas, **Elisabeth Badinter** (1944) defende que, assim como a infância, o amor materno é uma noção cultural construída. Para explicar o “mito do amor materno”, ela traz algumas questões acerca da história da infância, principalmente da Europa. Para ela, foi “foi Rousseau, com a publicação de *Émile*, em 1762, que cristalizou as novas ideias e deu um verdadeiro impulso inicial à família moderna, isto é, a família fundada no amor materno” (BADINTER, 1985, p. 54).

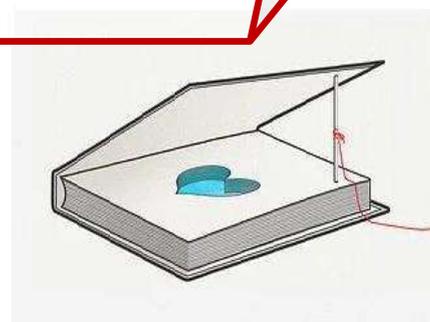


DE ANJO MALIGNO À TABULA RASA

Colin Heywood (2004) reflete sobre as concepções de infância ao longo da história, no que diz respeito ao Ocidente. Ele partilha da ideia de que “somente em épocas comparativamente recentes é que veio a surgir um sentimento de que as crianças são especiais e diferentes e, portanto, dignas de serem estudadas por si só” (HEYWOOD, 2004, p. 10).

Segundo Heywood (2004), entre os séculos XVI e XVII, se pensou ser apropriado isolar as crianças do mundo dos adultos, sugerindo que as percepções de uma criança eram diferentes. Nos séculos XVIII e XIX, ainda era bastante comum a prática do infanticídio, e os surtos de abandono de crianças coincidiam com os períodos de crise econômica. A partir desse período, os pais passaram a receber uma carga cada vez maior de orientação dos médicos e de outros profissionais para a criação dos filhos. Começou-se também, na Europa, a se pensar em termos de um sistema nacional de educação.

Heywood (2004) fala do surgimento da obra do iluminista John Locke, que acreditava que a criança era uma tábula rasa, ou seja, que nascia como uma folha em branco, na qual se poderia escrever o que se quisesse. Com essa ideia, questionou-se outra posição mais antiga, mas que perdurava até então, de que a criança era fruto do pecado original e, portanto irremediavelmente impura, como afirmava Santo Agostinho.

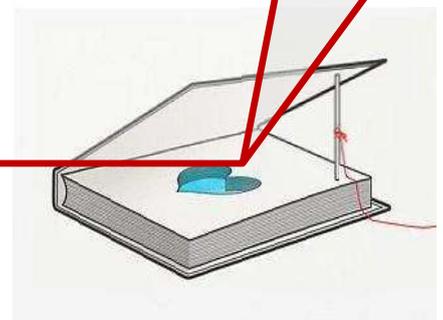


NOSSA VELHA INFÂNCIA

Ampliando a trilha de seus antecessores, **Peter Stearns** (1936) traça um amplo panorama da infância. Sua análise inicia na pré-história, no estudo de sociedades caçadoras-coletoras, em que as crianças podiam, por vezes, ajudar no trabalho e nas quais os adultos já reservavam tempo para brincar com elas. O autor segue seu percurso expondo as consequências do surgimento da agricultura no modo como eram tratadas as crianças por volta de 10 mil anos atrás.

Segundo Stearns, foi necessário, porém, que a modernidade chegasse para instaurar mudanças mais amplas no que diz respeito à visão sobre a infância. Elas foram impulsionadas pelo desenvolvimento da ciência, em confronto com a religião tradicional, e a crescente prosperidade de muitos europeus, o que permitiu prover novos tipos de cuidados para com as crianças, com a ascensão da burguesia por volta do século XVIII.

A infância moderna ocidental, para Stearns (2006), possui três características essenciais. A primeira é o deslocamento do foco da criança no trabalho (antes artesanal e doméstico e, agora, industrial) para a escolaridade. A segunda é a diminuição do número de integrantes do núcleo familiar. A terceira é a redução da taxa de mortalidade infantil. Diante desses fatores, a relação entre adultos e crianças modificou-se bastante, fortalecendo ideias de afetividade, educação e proteção da infância.



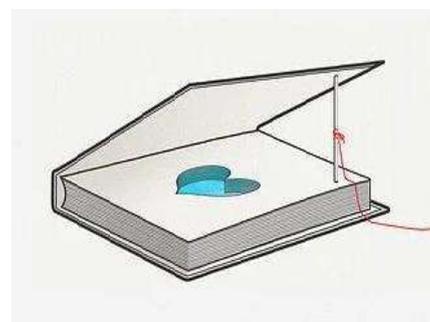
Os autores citados apresentam apenas algumas questões que estão relacionadas ao imaginário coletivo acerca do que é infância. As diversas concepções são o resultado de um modo diferente de pensá-la em cada contexto. Elas refletem mudanças de mentalidade e geram representações.

PARA PENSAR SOBRE O TEMPO PRESENTE...

Que infâncias você tem observado no cotidiano de sua casa, de seu bairro, de sua cidade?

Você já viu um “adulto em miniatura” em alguma representação contemporânea?

Estará a infância a salvo no tempo presente?



REFERÊNCIAS

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

BADINTER, Elisabeth. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

KETZER, Solange Medina. A criança, a produção cultural e a escola. In.: JACOBY, Sissa. **A criança e a produção cultural: Do brinquedo à literatura**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 2003.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Tradução: Susana Menescal de Alencar Carvalho e José Laurenio de Melo. Rio de Janeiro. Graphia, 1999.

STEARNS, Peter N. **A infância**. São Paulo: Contexto, 2006. Tradução: Mirna Pinsky.

STEINBERG, Shirley; KINCHELOE, Joe (orgs.). **Cultura infantil: a construção corporativa da infância**. George Eduardo JapiassúBrício. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

